

# *E os pais, o que fazem?*

ANDRÉA PACHÁ

**U**m fenômeno recente tem se repetido com frequência cada vez maior nas Varas de Família: a busca da Justiça pelos pais, como forma de suprir sua incapacidade de estabelecer limites aos filhos. Espera-se que um juiz decida em que escola deve a criança estudar, quais ambientes deve frequentar, que tipo de música pode ouvir ou a que horas deve voltar para a casa.

Verdadeiro paradoxo, pois a mesma sociedade que brada por menos Estado espera que o Estado interfira justamente naquelas relações que deveriam ser exclusivamente privadas. Não é com pesar que se constata a falência da antiga família patriarcal. Lembrada com saudades por alguns, era naquele ambiente que se forjavam as maiores violências e submissões. O novo desenho familiar transformou radicalmente o conceito dos núcleos.

Hoje, famílias são espaços de afeto, multiplicadores de respeito, consideração e lealdade. A educação, porém, encontra-se numa encruzilhada: como educar filhos, com os limites e as restrições próprios do processo civilizatório, sem o exercício da autoridade? Como representar o papel de pai ou mãe sem ônus? Não existe geração espontânea de adolescentes bem educados.

Valores éticos, morais e comportamentais não são inatos e devem ser transmitidos desde a infância pelos pais, que também devem demonstrar que não se vive em grupo sem ceder à busca desenfreada pelo consumo e pelos prazeres individuais. É também tarefa dos pais ensinar os filhos a transitar nesse mundo em permanente mudança. A dor e o limite fazem parte. A transferência desta tarefa, primeiro para a escola, depois para os terapeutas e agora para os juízes não parece o melhor caminho.

Esta nova juventude mais informada, mais tolerante, menos preconceituosa, merece ser cultivada com valores melhores. O exercício da autoridade não deve ser visto como ameaça ou retrocesso. Por isso fiquei perplexa quando li o artigo da empresária Vera Ferreira, no GLOBO (13/8). Assombrada com duas experiências de vandalismo, praticadas por amigos adolescentes de seu filho, integrante, segundo ela mesma, da “nata da sociedade carioca”, faz transparecer que este comportamento é corriqueiro e que a responsabilidade deve recair sobre os adolescentes, cujos pais ignorariam o que andam fazendo. Mais do que ensinados, os princípios devem ser transmitidos pelo exemplo. Pode ser que o equívoco, no caso apontado, seja dos valores incensados — e praticados — por parte da elite que historicamente não tem se submetido a restrições para viver em sociedade. O reflexo da impunidade, do jeitinho, acaba sendo assimilado pelos jovens como normas a serem seguidas. A pergunta que se devia fazer era diametralmente oposta: e vocês, sabem o que seus pais andam fazendo por aí?

ANDRÉA PACHÁ é juíza da 1ª Vara de Família de Petrópolis.